

O J do JOÃO

CRISTINA GUIMARÃES¹

No processo da alfabetização muitas coisas ocorrem às crianças ao mesmo tempo, construções simbólicas e identitárias sob o jogo das letras e da compreensão do sistema de escrita. Foi isso que aprendi na história que vivi com meu filho João.

Na escola de Educação Infantil onde meus filhos estudam são desenvolvidos dois projetos chamados *Meu nome* e *Meu corpo* que os pais adoram. A partir dos 3 anos, as crianças registram mensalmente a escrita de seus nomes e o desenho de seu próprio corpo. No final do ano recebemos as duas

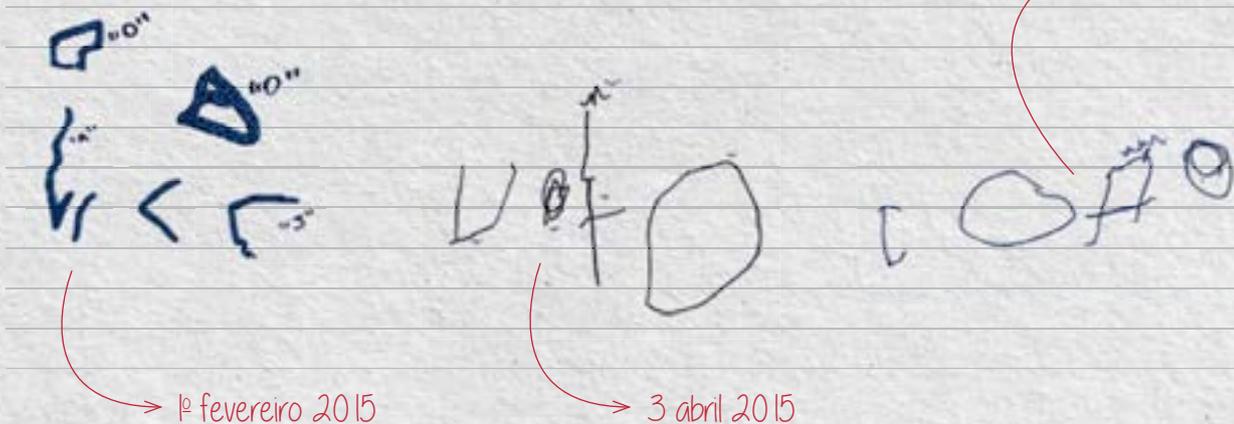
pastinhas e podemos observar o rápido progresso nesses dois sistemas de representação.

O primeiro registro do nome de meu filho caçula João foi feito aos 3 anos e 3 meses e mostrava cinco letras não alinhadas parecidas com J, O e A. Em seguida, ele passou a registrar apenas 4 letras. No meio do ano ele já escrevia seu nome alinhado, apenas com o J espelhado e fazia questão de nunca esquecer o ~. E assim foi até completar 4 anos em meados de novembro.

O projeto foi retomado em fevereiro de 2016 e o primeiro registro daquele ano seguiu o pa-

Projeto Meu nome

JOÃO



¹ Economista de formação e jornalista por profissão, mãe do João (5 anos), Miguel (6 anos) e Antônio (9 anos). E-mail da Cris: cbgcomunicacao@gmail.com

drão do semestre anterior, só que o J, antes espelhado, ficou de ponta-cabeça. Na reunião que antecede as férias de julho levei para a escola a dúvida sobre essa inversão da letra. Eu sabia que isso era esperado para a idade dele, mas me chamou a atenção o fato de que a letra invertida era bem a primeira do seu nome em uma sala em que existiam outras crianças também com nomes iniciados com J. Não seria uma letra muito familiar para ainda não ter se estabilizado? Será que isso era um problema? Quando, finalmente, seria J-O-Ã-O?

Aproveitando as férias de julho e nossas brincadeiras de desenhar e expor as obras assinadas pelos pequenos artistas no vidro da janela da sala, perguntei ao João se ele conhecia a letra J e se sabia escrevê-la. Surpreendentemente ele escreveu corretamente sem nenhuma dificuldade. Perguntei por que ele não escrevia o J assim quando assinava os desenhos onde a primeira letra do nome sempre aparecia de ponta-cabe-

ça, já que conhecia tão bem aquela letra. E pra minha surpresa veio a resposta: *Porque não quero que o meu nome comece igual ao do Joaquim. O meu J é artístico!*

Então entendi o que ele fez com o nome! O João quis se diferenciar na sala onde havia tantos outros jotas. Justo o João, que construiu sua história se diferenciando dos dois irmãos mais velhos. A escrita que ele inventou para o nome cumpriu não só o significado social que um nome precisa cumprir, que é o de identificar a singularidade, como também carregou o sentido pessoal que ele elaborou na sua experiência de vida.

Aprender a escrever o nome foi, para o João, uma experiência muito mais densa e abrangente do que a simples conscientização dos sons, do desenho ou dos nomes das letras. Essa compreensão só foi possível para mim depois do exercício de escuta da criança que aos 4 anos e 8 meses finalmente estabilizou a escrita de seu nome: este é “o” JOÃO! ●

